



GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA: UM DISCURSO SOBRE RELIGIOSIDADE E HOMOSSEXUALIDADES

Livia Monique de Castro Faria¹

Leandro Veloso²

Alessandro Garcia Paulino³

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar os *corpus* textuais produzidos por um estudante do curso de pós graduação em Gênero e Diversidade na Escola (GDE) na temática da homossexualidade tendo em vista os estudos foucaultianos; para tanto utilizaremos a análise documental. Os discursos são o meio pelo qual verdades são produzidas. Quando se trata da homossexualidade muitas são as perspectivas dos discursos pedagógicos, médicos, jurídicos, religiosos que se entrecem para construir olhares que podem ser conflituosos, preconceituosos, curiosos, amigáveis, questionadores enfim o discurso é o meio constitutivo das relações de saber/poder/verdade. Nas análises realizadas foi possível problematizar a formação discursiva do cursista com relação a homossexualidade.

Palavras-chave: diversidade sexual, religião, formação continuada.

Contextualização

Este trabalho tem como objetivo construir análises de *corpus* textuais produzidos por um estudante do curso de pós-graduação em Gênero e Diversidade na Escola (GDE⁴) na temática da homossexualidade tendo em vista os estudos foucaultianos. Para iniciarmos as análises torna-se necessário contextualizarmos onde e quando se inseriu a problemática deste trabalho, ou seja, (re)conhecer o Curso GDE e os seus objetivos:

¹ Estudante do Mestrado Profissional em Educação – Departamento de Educação/UFLA. Participante do grupo de pesquisa “Relações entre filosofia e sexualidade na contemporaneidade: a problemática da formação docente”, coordenado pela Profa. Cláudia Maria Ribeiro.

² Estudante do Mestrado Profissional em Educação – Departamento de Educação/UFLA. Participante do grupo de pesquisa “Relações entre filosofia e sexualidade na contemporaneidade: a problemática da formação docente”, coordenado pela Profa. Cláudia Maria Ribeiro.

³ Estudante do Mestrado Profissional em Educação – Departamento de Educação/UFLA. Participante do grupo de pesquisa “Relações entre filosofia e sexualidade na contemporaneidade: a problemática da formação docente”, coordenado pela Profa. Cláudia Maria Ribeiro.

⁴ GDE - Curso de Especialização em “Gênero e Diversidade na Escola”, oferecido pelo DED/UFLA/CEAD – modalidade a distância, no sistema Universidade Aberta do Brasil – UAB – 2010/2011 – para professores/as atuantes em escola pública.

Promover o debate sobre a educação como um direito fundamental, que precisa ser garantido a todos/as sem qualquer distinção, promovendo a cidadania, a igualdade de direitos e o respeito à diversidade sociocultural, étnico-racial, etária e geracional, de gênero e orientação afetivo-sexual. A formação e a qualificação de professores/as para a percepção, valorização e inserção dos temas da diversidade tendo como uma de suas atribuições favorecer, no cotidiano da prática pedagógica, temas como os direitos humanos, a educação ambiental, a diversidade étnico-racial e a demandas específicas de indígenas, afro-brasileiros/as, pessoas com necessidades especiais, questões de gênero e diversidade de orientação afetivo-sexual⁵.

A partir desta compreensão, o foco de nossas análises perpassará por uma atividade específica da disciplina Sexualidade e Orientação Sexual (SOS⁶), que teve como proposta problematizar temas como:

- ✓ Desenvolvimento humano – anatomia e fisiologia reprodutiva, reprodução, infância, puberdade, corpo, atração hetero, homo, bissexual e tantas outras atrações ou ausência delas;

- ✓ Relacionamento – família, amizade, amor, namoro, relacionamentos eventuais, casamento, união estável, paternidade, maternidade; comunicação – valores, decisões, assertividade, negociação, busca de ajuda;

- ✓ Comportamento sexual – sexualidade ao longo da vida, masturbação, vida sexual compartilhada, desejo e prazer sexual, fantasia, disfunção sexual;

- ✓ Saúde sexual – métodos anticoncepcionais, aborto, doenças sexualmente transmissíveis, infecção por HIV: crianças e adolescentes vivendo e convivendo com Aids, práticas de sexo protegido, violência sexual, saúde reprodutiva, sexualidade e cultura, sexualidade e sociedade, relações de gênero;

- ✓ Sexualidade, direito e cidadania – sexualidade e religião, diversidade, sexualidade e mídia, sexualidade e artes, vulnerabilidade, direitos sexuais, erotismo.

⁵- Apresentação virtual do Curso, disponível em: <http://www.ceaduab.ufla.br/gde/site/>.

⁶- SOS – sigla da disciplina Sexualidade e Orientação Sexual que teve como Professora Formadora, a Professora Doutora Cláudia Maria Ribeiro – do Departamento de Educação da Universidade Federal de Lavras.

Tal atividade consistia na construção de um esquema⁷, e o contato com a possibilidade de problematizar estudos relativos à sexualidade humana, à orientação afetivo-sexual e ter contato com questões que oportunizariam (des)construções de saberes e de discursos.

Um aporte fundamental para a construção das discussões foi o desenvolvimento da análise documental. Este método é utilizado para análise qualitativa de materiais empíricos e pode ser dividido em dois momentos: recolha de documentos e sua análise (FLORES, 1994). Para Lüdke e André (1986, p.38) “a análise documental busca identificar informações factuais nos documentos a partir de questões ou hipóteses de interesse”. Lüdke e André (1986) pontuam ainda que os documentos são uma fonte estável e rica que podem ser consultadas várias vezes, por diferentes pesquisadores o que confere estabilidade aos resultados obtidos.

O acesso aos documentos ocorreu nos arquivos digitais do curso Gênero e Diversidade na Escola. Estas fontes são denominadas de fontes inadvertidas como explicita Bell (1993). Estas são fontes primárias comuns, resultantes do funcionamento do sistema em estudo e que são utilizadas pelo/a investigador/a com um intuito diferente daquele pelo qual foram criadas.

(Des)construção de discursos

Compreendemos que o meio discursivo no qual os sujeitos se encontram são constructos históricos e culturais. Portanto, considera-se a construção das identidades sexuais e das identidades de gênero um processo complexo permeado por relações de saber/poder. Ou seja, “existe a busca pelo controle dos corpos, e esta é expressa nos discursos médicos, pedagógicos, jurídicos e religiosos” como retrata Foucault (2009, p.24); a multiplicação dos discursos sobre sexo influencia nas práticas sexuais, dizendo o que é ou não aceitável “[...] a multiplicação desses discursos sobre o sexo no próprio

⁷ As características de um esquema são: “Fidelidade ao texto original: o autor do resumo deve manter as ideias do autor do texto, mesmo quando fizer uma paráfrase. (...) Estrutura lógica do assunto: a partir da idéia principal e dos detalhes importantes você pode organizar as idéias partindo das mais importantes para as menos importantes. Adequação ao assunto estudado e funcionalidade: esta característica significa que quanto mais complexo o texto, mais complexo o esquema. (...) Utilidade de seu emprego: como instrumento de estudo, o esquema deve ser útil, isto é, deve facilitar seu retorno ao texto, para revisão, sobretudo quando próximo da avaliação, e para elaboração de trabalhos acadêmicos. Cunho pessoal: você pode desenvolver seu modelo de esquema, conforme suas tendências, hábitos, cultura, recursos e experiência pessoal. Por isso, um mesmo texto estudado por duas pessoas pode apresentar esquemas diferentes.” Salomon, (2004, p. 105).

campo do exercício do poder nos denotam uma incitação institucional a falar do sexo e a falar dele cada vez mais [...]”.

A multiplicação dos discursos não se relaciona apenas ao aumento quantitativo como se este fosse um fenômeno indiferente, alheio as relações inter e intra pessoais, mas como aborda Foucault (2009, p. 33) “Entre o Estado e o indivíduo o sexo tornou-se objeto de disputa, e disputa pública; toda uma teia de discursos, de saberes, de análises e de injunções o investiram.” (id., ib.)

Neste contexto, para Foucault, quando buscamos analisar o discurso é preciso ficar (ou tentar ficar) no nível de existência das palavras. Isso significa que é preciso trabalhar arduamente com o próprio discurso, deixando-o aparecer na complexidade que lhe é peculiar.

Uma possibilidade para chegar a isso é tentar desprender-se de um longo e eficaz aprendizado sistematizado, que ainda nos faz olhar os discursos como significantes que se referem a determinados conteúdos, carregando verdades ocultas, dissimuladas escondidas nos e pelos textos, não imediatamente visíveis (FISCHER, 2001).

[...] gostaria de mostrar que o discurso não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, o intrincamento entre um léxico e uma experiência; gostaria de mostrar, por meio de exemplos precisos, que, analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva. [...] não mais tratar os discursos como conjunto de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse mais que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever. (FOUCAULT, 1986, p.56)

Assim, as análises aqui realizadas não buscam uma verdade oculta no discurso de João⁸, mas problematizam a temática das homossexualidades neste.

O referido cursista do GDE é professor, educador atuante em uma escola pública da rede estadual de ensino, onde ocupa um cargo na direção da escola, cresceu e se constituiu em um ambiente familiar marcado pela norma, ou seja, por um meio discursivo, no qual a família ideal seria: pai, mãe e filhos, na qual a homossexualidade não é uma prática aceitável.

A ideia de família ideal pode ser representada de várias maneiras. Uma das mais comuns é a composta por pai, mãe e um casal de

⁸João é um nome meramente ilustrativo, não verdadeiro do cursista que experimentou a vivência analisada.

filhos/as, a típica família nuclear. O que nos parece pertinente ressaltar é que esta representação é (e foi) um produto social e cultural. Os indicativos de idealização desta família são facilmente encontrados em propagandas e outros artefatos culturais construídos socialmente. Medina (2002) enfatiza que os meios de comunicação social, mediante os anúncios publicitários, não vendem somente produtos, mas, sobretudo, representações. As imagens de família, em sua maioria, mostram um casal composto por homem e mulher e poucos filhos, certamente dois (um menino e uma menina). Esporadicamente, aparece uma pessoa mais idosa, como a avó e o avô. É este o modelo de família presente em inúmeros discursos sociais. (XAVIER FILHA, 2007, p.19)

O cursista *João*, do qual problematizaremos as produções, possui uma formação discursiva⁹ na qual a homossexualidade é impensável e deve ser devidamente tratada, deve-se buscar uma cura.

Homossexualidades e Formação Discursiva

A proposta da disciplina SOS, para a atividade em foco era a construção de um esquema, que proporcionasse problematizar estudos relativos à sexualidade humana, à orientação afetivo-sexual e o contato com questões que oportunizariam (des)construções de saberes e de discursos. Tal proposta consistia em que, cada cursista visitasse a webbibliografia presente no Caderno de Conteúdo do curso GDE e elege-se um endereço para descoberta e (re)conhecimento de um artigo científico já produzido e publicado, e através de leituras e (re)leituras, considerando a escolha feita, trouxessem suas interpretações, que deveriam ser expostas através de um esquema para representar o conteúdo lido.

A webbibliografia escolhida pelo cursista foi o artigo “Homossexualidade, gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas”, do autor Marcelo Natividade.

O artigo problematiza a temática da homossexualidade e da homofobia mediante a análise de textos normativos presente em livros e artigos brasileiros e estrangeiros, selecionados a partir do mapeamento do universo editorial evangélico e do monitoramento do conteúdo de sites que oferecem aconselhamento e tratamento a homossexuais em uma perspectiva religiosa. Natividade (2006) aponta que:

As acusações morais subjacentes ao discurso sobre a *cura* revelam um pânico moral insuflado pelo cultivo de uma imagem negativa.

⁹ [...] um feixe complexo de relações que funcionam como regra: ele prescreve o que deve ser correlacionado em uma prática discursiva, para que esta se refira a tal ou qual objeto, para que empregue tal ou qual enunciação, para que utilize tal conceito, para que organize tal ou qual estratégia. Definir em sua individualidade singular um sistema de formação é, assim, caracterizar um discurso ou um grupo de enunciados pela regularidade de uma prática. (FOUCAULT, 1986, p.82)

Homossexuais são vistos como "promíscuos", "pedófilos" e sujeitos que "espalham doenças", portanto indivíduos perigosos à coletividade. Também foi possível perceber uma apropriação de noções oriundas de outros saberes institucionalizados, a partir da veiculação de imagens da homossexualidade como "doença", "vício", "perversão" ou "degeneração" (p.127)

No contexto atual, a homossexualidade não pode se restringir ou ser classificada como doença, desvio ou transtorno, mas também os discursos produzidos no entorno da homossexualidade, ainda são carregado de preconceitos, discriminação e marginalização. O sujeito social não nasce, escolhe, opta ou decide ser homossexual, e sim se descobre, se (re)conhece, se (re)identifica, se (re)inventa e se (re)orienta em relação a suas sensações, afetividades, desejos e sentimentos.

É neste contexto dialógico que ousamos lançar olhares para analisar a possibilidade que o cursista teve de (re)conhecer nas ideias de Marcelo Natividade, a princípio, uma interpretação inicial equivocada devido ao peso dos discursos classificatórios de sua formação discursiva e de sua educação.

Neste sentido, os discursos são o meio pelo qual verdades são produzidas. Para Foucault (1996) “todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo” (p.44). Quando se trata da homossexualidade muitas são as perspectivas dos discursos pedagógicos, médicos, jurídicos, religiosos que se entrecruzam para construir olhares que podem ser conflituosos, preconceituosos, curiosos, amigáveis, questionadores enfim o discurso é o meio constitutivo das relações de saber/poder/verdade.

Tal equívoco coloca em cheque a produção textual realizada na forma de esquema, restringindo o entendimento do cursista em relação à mensagem do autor do texto. Segundo Foucault (2009) o cursista se tornou um “autor ausente”, por reproduzir em seu posicionamento a força histórica do discurso religioso, sem questionamentos que o conduziram a enxergar a realidade relatada, “o sujeito que escreve despista todos os signos de sua individualidade particular, a marca do escritor não é mais que a singularidade de sua ausência” (FOUCAULT, 2009, p.269).

Na Figura 1 (em anexo), apresentamos o esquema produzido pelo cursista em uma primeira aproximação com o artigo de Natividade (2006) e a ausência de seu entendimento inicial. Nesta primeira produção destacamos a associação feita pelo

cursista da cura da homossexualidade com os seguintes aspectos: “*participação em rituais, recondução aos valores de família, casamento, religião, orações, milagres, corrente humana, pastor, cura de memórias, cura da energia masculina represada, batismo, busca da raiz do problema, reprogramação da mente, renovação mental, cultivo do amor ao próximo, controle do pensamento, autonomia, autocontrole, vontade, arrependimento, confissão, quebrantamento, humilhação, renuncia, reflexão e abstinência sexual*”.

Neste contexto, insere-se a homofobia, como aborda Louro (2007):

Consentida e ensinada na escola, a homofobia expressa-se pelo desprezo, pelo afastamento, pela imposição do ridículo. Como se a homossexualidade fosse “contagiosa”, cria-se uma grande resistência a demonstrar simpatia para com sujeitos homossexuais; a aproximação pode ser interpretada como uma adesão a tal prática ou identidade. (p.29)

Deste modo entende-se que não apenas na escola, mas em diversas instituições, como as Igrejas, a homofobia vem sendo uma prática constante. Relaciona-se o sujeito homossexual em sua complexidade a adjetivos negativos, aquele que deve ficar escondido. Retomando o *corpus* textual apresentado na Figura 1, relaciona-se a homossexualidade a uma “*distorção da natureza*”.

A presença de binarismos como o “certo/errado”, “bem/mal”, “normal/anormal”, “pode/não pode”, “permitido/não permitido”, faz parte das construções de inúmeras representações e pode contribuir para relações onde a diferença não é aceita e deve ser deslocada para a norma, como observamos na Figura 1 quando o cursista diz “*Desejo homossexual é possível mudar*”.

Deste modo em meio à rigidez e padrões, muitas vezes, os sujeitos tentam enquadrar as identidades. Hall (2002) ao analisar a sociedade moderna, aponta o abalo dos quadros de referências que ancoram a estabilidade do mundo social:

As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o sujeito moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. (HALL, 2002, p. 7)

O estudante em questão, em conversas e trocas durante o processo de orientação das atividades do curso GDE, salientou que em sua construção familiar, não lhe foi permitido questionar. Relatou que a infância foi marcada por uma constituição rígida, pautada em concepções religiosas-evangélicas.

Neste contexto, a homossexualidade é algo que ultrapassa a fronteira da normalidade. No constructo discursivo do cursista, este sujeito deve ser enquadrado,

transportado da margem para o centro, deve ser curado, portanto neste discurso homossexualidade é considerada uma doença.

Entretanto como estamos problematizando o discurso como algo insólito, como uma “prática que forma os sujeitos de que fala” (FOUCAULT, 1986, p.56), destacamos a escolha deste cursista em participar de um processo de formação em nível de especialização nas temáticas de gênero e sexualidade.

O discurso, assim concebido, não é a manifestação, majestosamente desenvolvida, de um sujeito que pensa, que conhece, e que o diz: é, ao contrário, um conjunto em que podem ser determinadas a dispersão do sujeito e sua descontinuidade em relação a si mesmo. É um espaço de exterioridade em que se desenvolve uma rede de lugares distintos. (FOUCAULT, 1986, p.61-62)

Estas temáticas são permeadas por mitos, tabus, medos e ao mesmo tempo por prazer, desejo, erotismo, curiosidades. Neste contexto assumimos que podem existir identidades contraditórias, nos movendo em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo constantemente deslocadas. (HALL, 2002)

Tendo em vista o referencial teórico exposto neste trabalho e também na disciplina SOS a produção demonstrada na Figura 1 não poderia ter sido apenas desvalorizada por não retratar as concepções do autor Marcelo Natividade (2006) e, portanto, não ter cumprido o propósito da atividade da disciplina (produção de um esquema). O que foi realizado quando o *tutor*¹⁰ recebeu a atividade foi um processo de problematização entre *professora formadora*¹¹, tutor e cursista.

Neste processo foi necessário (re)conduzir e (re)orientar *João* e propor uma problematização em sua formação discursiva, mediante a releitura do artigo de Marcelo Natividade. Após este processo o cursista apresentou o esquema da Figura 2, em anexo. Ou seja, a formação discursiva também é um constructo histórico e cultural:

A formação discursiva deve ser vista, antes de qualquer coisa, como o “princípio de dispersão e de repartição” dos enunciados, segundo o qual se sabe o que pode e o que deve ser dito, dentro de determinado campo e de acordo com certa posição que se ocupa nesse campo. Ela funcionaria como “matriz de sentido”, e os falantes nela se reconheceriam, porque as significações ali lhes parecem óbvias e naturais. (FISCHER, 2001, p.203)

Para *João*, parecia obvio que a homossexualidade é uma doença e que poderia ser curada, portanto ao ler o artigo de Natividade o cursista compreendeu de acordo com

¹⁰ Tutor – aqui compreendido como docente que atua a distância, mediando e orientando as atividades e o desenvolvimento de cada cursista, especialmente por meio dos recursos e ferramentas oferecidos pelo Ambiente Virtual de Ensino-Aprendizagem.

¹¹ Professora Formadora – aqui compreendida como docente autora do componente curricular e/ou conteúdo da disciplina.

sua matriz de sentido que este artigo corroborava com sua formação discursiva, portanto apoiava a possibilidade de cura da homossexualidade.

Entretanto, quando ele teve contato com outros discursos que questionavam a concepção da cura da homossexualidade compreendeu as inconsistências entre o seu discurso, o que Marcelo Natividade (2006) expõe e o esquema produzido na Figura 1.

No *corpus* textual, Figura 2, “Marcelo Natividade, autor do artigo, cita Geertz (1989) que defende que a religião é uma instância de controle [...]” o cursista não expõe qual seu posicionamento, se ele acredita que a religião é uma instância de controle, mas consegue perceber que o artigo de Natividade não é uma produção da mesma formação discursiva que a dele, mas sim os/as autores/as e os sites que foram analisados, como está explícito na Figura 2, com os enunciados: “*Os autores e o site analisados defendiam que...*”, ou ainda: “*Os autores e o site analisados apontavam como causa da homossexualidade...*”, “*Os evangélicos prometiam a cura da homossexualidade a partir de ...*”

O discurso é esse campo de lutas, de relações de poder (FOUCAULT, 1996), nas quais o dito e o não dito se entrecruzam e podem construir relações nas quais pessoas homossexuais podem ser vistas de muitos modos.

Considerações Finais

Foi possível problematizar a questão da homossexualidade nos *corpus* textuais produzidos por João tendo em vista, como aponta Fischer (2001, p. 222), a possibilidade de desenvolver novas maneiras de pensar o agora:

O convite de Foucault é que, através da investigação dos discursos, nos defrontemos com nossa história ou nosso passado, aceitando pensar de outra forma o agora que nos é tão evidente. Assim, libertamo-nos do presente e nos instalamos quase num futuro, numa perspectiva de transformação de nós mesmos. Nós e nossa vida, essa real possibilidade de sermos, quem sabe um dia, obras de arte.

Podemos colocar nosso agora em suspeição. Suspeitar e duvidar de tudo que é dito normal e/ou natural, ou seja, das nossas verdades. Uma vez que a construção histórica da homossexualidade colocou esses sujeitos como deslocados do padrão e, portanto, como observamos nas problematizações deste artigo, como uma sexualidade anormal, como explicita Louro (2007, p.17) “Um homem ou uma mulher “de verdade” deverão ser, necessariamente, heterossexuais e serão estimulados para isso.”

A homofobia vem sendo livremente praticada nas instituições escolares, religiosas, midiáticas e em muitos outros espaços. É possível observar que a formação discursiva de *João* não é um acontecimento isolado. Louro (2001, p.18), evidencia que “A produção da heterossexualidade é acompanhada pela rejeição da homossexualidade. Uma rejeição que se expressa, muitas vezes, por declarada homofobia.” Por manifestações públicas de marginalização das pessoas homossexuais ou na busca de uma *cura* para estes/as.

Não sugerimos inversões discursivas nas quais a homossexualidade seria deslocada de anormal para normal e a heterossexualidade normal para anormal, mas a possibilidade de desenvolvermos um modo de conviver em sociedade no qual estas classificações não sejam necessárias e assim as pessoas tenham a possibilidade de fazer de suas vidas uma obra de arte.

Referências

- BELL, J. Como realizar um projecto de investigação. Lisboa: Gradativa, 1993. In: FERREIRA, C.; CALADO, C. **Método da investigação I**. DEFCUL, 2005.
- FISCHER, R. M. B. Foucault e a Análise do Discurso em Educação. **Cadernos de Pesquisa**, n. 114, novembro/ 2001, p.127 – 293.
- FLORES, J. Análisis de datos cualitativos. Aplicaciones a la investigación educativa. Barcelona: PPU, 1994. In: FERREIRA, C.; CALADO, C. **Método da investigação I**. DEFCUL, 2005.
- FOUCAULT, M. **A Arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense, 1986.
- _____. **A Ordem do Discurso**. Edições Loyola, 1996.
- _____. **Estética**: literatura e pintura, música e cinema. Org. Manuel Barros de Mota. 2^a ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- _____, M. **História da Sexualidade I**: A vontade de saber. Rio de Janeiro, Edições Graal, 2009.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro. DP&A, 2002.
- LOURO, G. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte. Autêntica. 2007.
- LÜDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

NATIVIDADE, M. Homossexualidade, gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 21, no. 61, junho, 2006.

SALOMON, D. V. Como fazer uma monografia. 11. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. In: ZANELLA, L. C. H. **Metodologia de Estudos e de Pesquisa em Administração**. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/UFSC; Brasília: CAPES: UAB, 2009.

XAVIER FILHA, C. **A Criança, a Família e a Instituição de Educação Infantil**. Cuiabá: EdUFMT, 2007.

ANEXOS

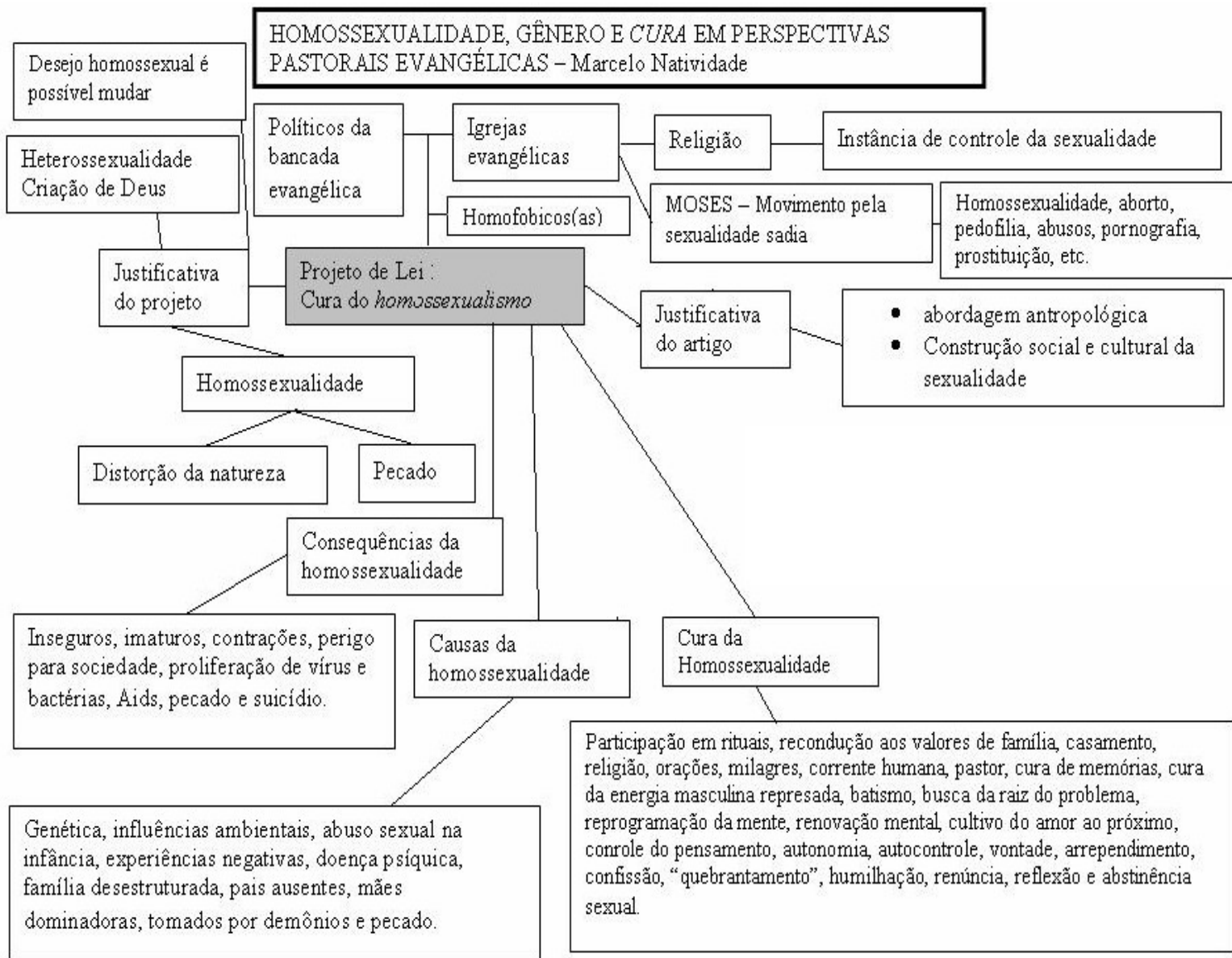


Figura 1 – Esquema Inicial

Universidade Federal de Lavras
Curso de pós-graduação em: Gênero e Diversidade na Escola
Pólo: Lavras

Objetivos do artigo: analisar livros, sites e artigos brasileiros, evangélicos, que pregavam a cura para a homossexualidade.

Esquema do artigo: Homossexualidade, gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas
Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v21n61/a06v2161.pdf>

Autores analisados: Bob Davies, Lori Rentzel, Rebecca Brown, Neuza Itioka, João Carlos Xavier, Lísias Castilho, Júlio Severo, Claudionor Corrêa, Rozangela Alves Justino, Delma Pessarha Neves e Leanne Payne.

Site analisado: Moses – Movimento pela sexualidade sadia

Os autores e o site analisados defendiam que: a homossexualidade é um pecado e uma distorção da natureza. Para esses autores a homossexualidade é causa de: contrações involuntárias, insegurança, suicídio, proliferação de vírus e bactérias, Aids e é um perigo para sociedade.

Os autores e o site analisados apontam como causa da homossexualidade: genética, influências ambientais, abuso sexual na infância, experiências negativas, doença psíquica, família desestruturada, pais ausentes, mães dominadoras, demônios e pecados.

Os evangélicos prometiam a cura da homossexualidade a partir de: participações em rituais, recondução aos valores de família, casamento, orações, corrente humana, cura de memórias, cura de energias masculinas represada, batismo, busca da raiz do problema, reprogramação da mente, cultivo do amor ao próximo, controle do pensamento, autocontrole, arrependimento, confissão, reflexão e abstinência sexual.

Marcelo Natividade, autor do artigo, cita Geertz, (1989) que defende que a religião é uma instância de controle e fornece sentido à ação social, introduzindo disposições e motivações, um certo modo de aprender e entender o mundo.

Reações contra o projeto de lei que previa a cura da homossexualidade: ONGs, movimentos sociais, intelectuais e personalidades públicas. Esses manifestaram repúdio ao fundamentalismo e homofobia dos evangélicos.

Figura 2 – Segundo esquema produzido